

Metodologia: Como parte da rotina de um laboratório central, amostras de fezes recebidas de diversas regiões do Brasil são analisadas pelo método de Hoffman e microscopia ótica para análise morfológica dos microrganismos observados. Foram feitos 5.786 PPF de rotina de 27/07/18 a 23/08/18, 84 (1,45%) apresentaram características morfológicas compatíveis com *Urbanorum spp.* Dez pacientes com amostras positivas foram convocados para consulta com questionário clínico-epidemiológico em hospital filantrópico de São Paulo.

Resultado: Das 84 amostras positivas, 20 foram registradas por fotografia ou filmagem e 40 estão mantidas em freezer -20° para estudos posteriores, 36 (43%) são da Região Centro-Oeste do Brasil e 48 (57%) da Grande São Paulo. Nos extremos de idade, uma amostra foi proveniente de criança de 10 meses e uma de adulto com 91 anos. Dos 10 (11,9%) pacientes convocados para consulta clínica, a média de idade foi 32,4 e a mediana de 33 anos, três eram crianças (de quatro a oito anos) e o restante adultos. Dentre esses, cinco (quatro adultos e uma criança) foram submetidos a questionário clínico-epidemiológico e apresentaram-se assintomáticos no momento da consulta, são moradores da mesma região/bairro na cidade de São Paulo, apresentam contato profissional esporádico com indivíduos provenientes de outros países da América Latina, Europa e América do Norte, quatro são funcionárias do hospital filantrópico e uma criança é filha de uma funcionária igualmente infectada.

Discussão/conclusão: Foram identificadas 84 amostras de fezes com características morfológicas sugestivas de *Urbanorum spp.* em indivíduos da Região Centro-Oeste e de São Paulo. Desses, 10 casos são provenientes de uma mesma unidade filantrópica, dos cinco entrevistados até o momento todos estavam assintomáticos. Embora não haja até o momento estudos mais aprofundados sobre esses potenciais parasitas, em especial com sua devida caracterização molecular e taxonômica, em função da frequência de amostras altamente sugestivas, entendemos tratar-se de situação que merece atenção dos órgãos de saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.238>

Área: ANTIMICROBIANOS/INFECTOLOGIA CLÍNICA
Sessão: DOENÇAS EMERGENTES

EP-177

INVESTIGAÇÃO CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICA E ETIOLÓGICA DE INFECÇÕES RESPIRATÓRIAS VIRAIS NO MUNICÍPIO DE TERESINA, PI

Danilo Rafael da Silva Fontinele, Francisco das Chagas F. de Melo Júnior, Hitalo Roberto de Araújo Coêlho, Emmanuelle Pessoa Costa, Herion Alves da Silva Machado, Liline Maria Soares Martins, Fabiano Vieira da Silva

Universidade Estadual do Piauí (Uespi), Teresina, PI, Brasil

Data: 19/10/2018 - Sala: TV 4 - Horário: 14:05-14:10 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: As infecções respiratórias agudas (IRAs) são causas comuns de morbimortalidade, especialmente em

extremos etários e em imunocomprometidos. Apresentam como manifestações clássicas: tosse, febre, dor de garganta, cefaleia e outros. Como etiologia, há os vírus influenza A e B e outros vírus respiratórios (OVRs), entre os quais estão metapneumovírus (HMPV), parainfluenza (PIV), adenovírus (ADV), vírus sincicial respiratório (VSR). Podem causar as síndromes gripal (SG) e respiratória aguda grave (SRAG), de modo que a manifestação varia de um resfriado autolimitado até complicações graves, como meningoencefalites e pneumonia.

Objetivo: Fazer um panorama etiológico viral das IRAs, bem como investigar aspectos clínico-epidemiológicos das infecções por vírus influenza e OVRs em pacientes com SG ou SRAG, em Teresina, de janeiro a abril de 2018.

Metodologia: Estudo retrospectivo, descritivo e qualitativo, feito em um laboratório de saúde pública do Piauí. O trabalho teve aprovação do Comitê de Ética em pesquisa e os dados clínicos e laboratoriais foram procedentes das fichas de notificação de SG e SRAG de 357 pacientes.

Resultado: Verificou-se que 331 (92,71%) pacientes são procedentes de Teresina. Quanto ao aspecto clínico, houve 180 (50,42%) casos de SRAG e de 177 (49,58%) de SG, de modo que o gênero feminino foi o mais acometido, com 205 (57,42%) casos. Em relação à faixa etária, 128 (35,85%) tinham menos de 10 anos, 25 (7%) desses < 1 ano. Entre os sintomas analisados, sobrepujaram febre, tosse e dor de garganta. Quanto à detecção viral por RT-PCR em tempo real, verificou-se que 87 (24,36%) pacientes tinham carga viral detectável para HMPV, 21 (5,88%) para PIV 1, 98 (27,45%) para influenza A (H1N1 pdm09), seis (1,68%) para ADV e 145 (40,61%) sem detecção de vírus. Houve infecção múltipla em 27 (7,56%) pacientes, com predomínio de PIV 1 e HMPV (40,74%) e de PIV 3 e HMPV (37,03%). Notou-se o uso de Oseltamivir (Tamiflu) em 161 pacientes, entre os quais 101 (62,74%) tinham infecção por OVRs.

Discussão/conclusão: Os dados demonstraram predomínio de SG e SRAG em mulheres e crianças. Os sintomas mais observados foram febre, tosse e dor de garganta. Observou-se maior prevalência da infecção por influenza A (H1N1 pdm09), evidenciou uso indevido de Oseltamivir em muitos pacientes. Diante dessa situação, torna-se fundamental a investigação laboratorial de vírus respiratórios e de outros agentes infecciosos, em busca da terapêutica adequada.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.239>

Área: ANTIMICROBIANOS/INFECTOLOGIA CLÍNICA
Sessão: MICROLOGIA

EP-178

CRIOCOCOSE DISSEMINADA E SUA RELAÇÃO COM ASSEPSIA INAPROPRIADA DE EXCRETAS DE POMBOS NOS TELHADOS DE HOSPITAIS

Gustavo Fernandes da Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Data: 19/10/2018 - Sala: TV 5 - Horário: 13:30-13:35 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)



Introdução: A criptococose é uma micose sistêmica que pode se disseminar por via hematogênica ou linfática, a depender do perfil imunológico de cada paciente. Essa moléstia é causada pela levedura encapsulada da espécie *Cryptococcus neoformans*, que tem como reservatório os pombos, em suas fezes há grande quantidade de esporos desse fungo que, ao estar na forma de aerossóis, podem ser inalados e infectar os pacientes.

Objetivo: Avaliar a relação entre a presença de pombos e suas excretas no telhado de hospitais com infecção hospitalar por criptococose em pacientes imunocomprometidos.

Metodologia: Foi analisado o prontuário de uma paciente de 59 anos internada em enfermaria da oncologia, em 2016, com leucemia mielogênica aguda como doença de base. Essa paciente foi submetida à quimioterapia e evoluiu com neutropenia severa. Concomitantemente à sua permanência na enfermaria, houve limpeza do telhado do hospital para remoção de dejetos e fezes de aves, inclusive de pombos. Concluiu-se, portanto, que ao higienizar de forma inadequada o telhado do referido hospital, aerossóis de esporos da levedura *Cryptococcus neoformans* foram inalados pela paciente. Desse modo, a infecção pelo fungo, juntamente com a fragilidade do sistema imunológico dessa paciente, proporcionou a forma disseminada da doença, em que, além dos pulmões, houve acometimento hepatoesplênico. Ademais, requereu internação em unidade de terapia intensiva por apresentar insuficiência respiratória aguda. Diante disso, o diagnóstico de criptococose foi confirmado através de biópsia pulmonar e contraímuno eletroforese para fungos. Ambos os métodos elucidaram a presença de *Cryptococcus sp*, no ensaio imunológico houve titulação de 1/64 para essa levedura.

Discussão/conclusão: Na situação relatada optou-se por tratar a paciente com anfotericina b lipossomal devido à suspeição inicial de infecção por *Aspergillus sp*. Dessa forma, perante a não evolução para melhora e de posse da tipologia do fungo causador da patologia, mudou-se o esquema terapêutico para fluconazol, obteve-se como resultado a remissão total da infecção na paciente. Logo, a análise desse caso clínico chama a atenção para o risco da presença de pombos e suas excretas nos telhados de hospitais, haja vista que tanto o intemperismo quanto ações antrópicas, no que se refere às formas inapropriadas de assepsia dos ambientes que contêm fezes dessas aves, podem favorecer o surgimento de casos de infecção hospitalar por *Cryptococcus neoformans*, principalmente em pacientes imunocomprometidos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2018.10.240>

Área: DOENÇAS EMERGENTES E REEMERGENTES/MEDICINA TROPICAL

Sessão: MICROLOGIA

EP-179

IDENTIFICAÇÃO MOLECULAR DOS CRYPTOCOCCUS SPP ISOLADOS DE PACIENTES COM CRIPTOCOCOSE



Erika Nascimento, Patricia H.G. Barião, Marcia R.V.Z. Kress, Roberto Martinez

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP), Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

Ag. Financiadora: Faepa/Capes

Nº. Processo: -

Data: 19/10/2018 - Sala: TV 5 - Horário: 13:37-13:42 - Forma de Apresentação: E-pôster (pôster eletrônico)

Introdução: A criptococose acomete maior proporção indivíduos imunocomprometidos, mas também pode acometer indivíduos imunocompetentes. A relação entre a condição imunológica do paciente e a espécie causadora da infecção tem sido muito estudada com o objetivo de melhor compreender essa infecção fúngica. Além disso, o isolamento e a identificação desses isolados são essenciais para analisar e avaliar as diferenças genéticas, a fim de obter uma melhor compreensão da epidemiologia, patogenia, virulência e susceptibilidade aos antifúngicos dessas espécies.

Objetivo: Determinar as espécies e os tipos moleculares de *Cryptococcus spp.* isolados de pacientes do Hospital da Clínicas de Ribeirão Preto, oriundos do HCFMRP-USP, obtidos de 2000 a 2017 e correlacionar com a condição imunológica dos pacientes.

Metodologia: Todos os isolados foram genotipados por PCR com os primers CN70 e CN49 para determinação da espécie. A técnica de PCR-RFLP, amplificação do gene URA5 e posterior restrição enzimática com HhaI e Cfr13I foi usada para obtenção do tipo molecular, que foram *C. neoformans* (VNI, VNII, VNIII e VNIV) e *C. gattii* (VGI, VGII, VGIII e VGIV). A identificação dos isolados como *C. gattii* e *C. laurentii* foi confirmada pelo sequenciamento das regiões ITS.

Resultado: De 234 isolados clínicos de *Cryptococcus spp.*, 211 isolados foram identificados como *C. neoformans*, 21 como *C. gattii* e dois como *C. laurentii*. Dos 211 isolados identificados como *C. neoformans*, 203 isolados clínicos são do tipo molecular VNI, seis são VNII e dois não foi possível determinar. Já para os 21 isolados clínicos identificados como *C. gattii*, todos são do tipo molecular VGII. Correlacionando as espécies identificadas e a condição imunológica do paciente, foram verificados 177 isolados de pacientes coinfectados pelo HIV (Grupo 1) e 54 isolados de pacientes não coinfectados pelo HIV (Grupo 2). Nos Grupos 1 e 2, a maioria dos isolados identificados foi *C. neoformans*, 175 (98,8%) e 33 isolados (61,1%), respectivamente. O Grupo 2 teve maior percentual de *C. gattii* em relação ao Grupo 1 (35%).

Discussão/conclusão: A maioria dos isolados clínicos foi identificada como *C. neoformans* e estavam mais presente em indivíduos coinfectados pelo HIV. *C. gattii* neste estudo foi mais evidente no grupo dos pacientes não coinfectados pelo HIV